

As pluralidades do eu na escrita de Glauco Mattoso

Ana Paula Aparecida Caixeta

Resumo

447

Este trabalho traz para discussão as possibilidades da (re)criação de si na literatura, a partir do processo heteronímico construído pelo escritor paulistano Glauco Mattoso (1951). Com publicações que transitam pelo espaço da transgressão, os textos irreverentes de Mattoso compõem um terreno fecundo de personagens, elaborados a partir da presença autobiográfica da pessoa-escritor. Para compor o trabalho, serão abordadas teorias acerca da relação entre o ficcional e o real, a identidade do autor e suas pluralidades em torno de elementos autobiográficos, bem como o processo de personificação como possibilidade de construção ficcional do eu. As discussões partem dos estudos acerca do processo de criação na literatura, em que a estética conduz a relação sensível entre escritor e obra.

Palavras-chave: heteronímico; Glauco Mattoso; autobiográfico; estética.

O espaço visual do cego Mattoso

*No meu dublê de mundo, um avatar
iria transitar pelo passado
da vida paralela, além de estar
perdido num presente limitado*

Glauco Mattoso, Soneto /2004/: Para uma
segunda vida (2011)

Glauco Mattoso, poeta paulistano e maldito por direito e sobrenome, circula pelo terreno literário desde a década de 1970. Como leitor voraz, esfacelado pela necessidade de passar pela vista o maior número de livros e escritores transgressores, fez da sua vida, enquanto sujeito que enxergava, um debruçar-se incansável pelo acesso à literatura. Ficou cego aos 40 anos de idade e, desde então, produz seus textos pelo intertexto, pela poesia descarada e escancarada, cujo politicamente incorreto norteia os vieses temáticos por ele escolhidos. Tem como nome de batismo Pedro José Ferreira da Silva.

O nome. A escolha do nome. O que norteia, de fato, esta curta discussão é a ação criadora do autor para representação viva desse eu literário, o eu-Mattoso. Como portador de glaucoma congênito, motivo real da sua cegueira definitiva, Glauco (que nasceu de Pedro), promove, pelo processo de personificação, a representação viva da doença que o acometeu e traz para perto de si, como uma aliada, sua maior avassaladora. Passa a escrever, publicar e desestabilizar o espaço literário com sua escrita irreverente, formando o *corpus* que sustenta essa persona literária, multiplicada em várias outras representações personificadas.

O espaço que solidifica a figura do escritor Glauco Mattoso – lembrando que a figura do escritor se difere, aqui, da figura do sujeito real – é o espaço da poesia visual. Com seu folhetim cruamente humorístico, parodicamente chamado de *Jornal Dobrabil*, Mattoso se insere na escrita, com seus múltiplos heterônimos, e fixa-se no espaço literário para sempre. O jornal circulou no fim da década de 1970 e foi publicado em edição de luxo fac-similar em 1981 e, posteriormente, 2001. Foi produzido, enquanto folheto, por uma máquina de escrever. Traz um emaranhado de signos que ocupa o espaço da folha em branco como uma explosão visual da palavra emergente. É transgressor por seu teor homoerótico, escatológico, irreverente, parodístico, chulo e, principalmente, pelas contrariedades ao cânone literário.

Qualquer leitor de Glauco Mattoso, do mais despretensioso ao mais acadêmico, perceberá uma escrita, no mínimo, incômoda. Os textos produzidos pelo escritor são excessivamente cheios da presença do eu-autor, de modo a fomentar um discurso autobiográfico, o que promove no leitor o pacto comentado por Philippe Lejeune (2008). Podemos compreender o autor como um antiesteta, na tentativa de nomenclaturar algumas das etapas processuais presentes na construção da obra glaucomattosiana, com viés para alguns textos, em especial, o *Manual do podólatra amador: aventuras & leituras de um tarado por pés*, publicado, pela primeira vez, em 1986 e, posteriormente, em 2006.

Numa relação muito forte com o dadaísmo, também chamada de antiestética por Rans Richter e Tristan Tzara, na época de publicação do manifesto

Dadá em 1918, a apropriação do adjetivo antiestética, calcado agora na obra de Mattoso, não parece insólita. Há de se lembrar que o autor brasileiro, além de ser um dadaísta nato, como afirma Décio Pignatari, já vem carregando esse rótulo há um bom tempo, principalmente pelas discussões acadêmicas (mesmo que minguadas).

Apesar da inconcretude, ou talvez uma tendenciosa necessidade de enquadramento da obra de Mattoso, o termo antiestética é o que mais se aproxima da ideia de contrariedade a qualquer manifestação estética, escola artística, estilo, normas, moda, academia... Obviamente, a opção por uma negação já indica uma profunda relação com o objeto negado. Portanto, Mattoso se apropria de estéticas para negá-las, o que coloca a oposição como forte relação na criação do autor.

Mas essa criação passou a ser compreendida aqui, por uma linha pensada pelos princípios de um estudo epistemológico do processo que conduz as escolhas estéticas. A autoficção, muito forte no livro *Manual do podólatra amador*, e a heteronímia, construção identitária da figura do autor Glauco Mattoso, compõem os 'eus' que assumem todo o caráter do prefixo "anti", em especial, o eu-Mattoso. Essa construção é reverberada por uma linguagem. Linguagem também de negação, que contraria a ideia de *kitsch* como um falseador de harmonias. O que se pensa, até então, é que essa antiestética compõe fortemente o processo criativo do autor acerca da figura do eu em seus textos, da prosa à poesia.

A escrita de Mattoso é composta por temáticas. Temáticas que se repetem esteticamente ao longo de suas publicações. Tortura, *bullying*, sadomasoquismo, fetiche, sexo e sexualidade, deficiência visual, humilhação, exclusão e, principalmente, questionamentos existenciais acerca do sujeito que está fora dos moldes estabelecidos pela sociedade heteronormativa fomentam um sujeito transgressor, pela escrita das palavras.

Se o autor insiste em questões que se repetem, consequentemente isso começa a tecer uma estética própria, caracterizada por elementos presentes em vários textos por ele publicados. Poderia se elencar uma série de recursos estéticos repetidos na maioria dos seus textos, representados pela figura do pé; a cegueira e

humilhação do cego; as alterações e desdobramentos do “eu” pela exploração recorrente de verdade e ficção por meio de recursos autobiográficos; o gosto paradoxal pelo desprazer em prol do prazer; o *underground* e o movimento punk; e outros mais. E para se pensar quaisquer desses elementos, parece-me ser necessário reportar à figura do autor.

Formado em biblioteconomia, também cursou parte da faculdade de Letras e afirma que não concluiu o curso porque não queria ser um acadêmico, queria escrever. Foi funcionário do Banco do Brasil, na cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro, atuando na biblioteca em ambas. Assume-se homossexual, fetichista por pés masculinos e sadomasoquista. Insiste em ser chamado de poeta maldito. É transgressor por rótulo, por literatura e representação. Escreve de acordo com a ortografia anterior à reforma de 1945. É o maior escritor de sonetos em Língua Portuguesa, segundo ele próprio e o *Guinnes Book*. É diabético e gosta de cão bassê. Amaldiçoa a cegueira. É pessimista. Tem uma vasta obra, cujos títulos ultrapassam mais de 50 publicações impressas. Sua descendência literária vai desde os mais fesceninos poetas e escritores malditos, como Marquês de Sade e Bocage, aos cordelistas nordestinos, como o Cego Aderaldo. Utiliza-se da forma clássica para reverberar escritos de banheiro, fomentando seu conceito de coprofagia. Gosta de ultrapassar, de ir além. Quer opor-se. A transgressão vai desde suas paródias de grandes autores e clássicos ao xingamento mais chulo da literatura, da política e do sistema. Fala de sexo sujo e sexualidade. Possui um conhecimento mnemônico digno de cátedra. É lexicógrafo e mantém um site sobre a escrita antiga da nossa língua. Escreve compulsivamente.

Seus textos tem a figura do “eu” como representação insistente de questões da condição humana, adotadas por ele como legítimas e necessárias de espaço para discussão. Dessa feita, a tortura, o trote e o *bullying*, todos ocupantes de um mesmo terreno de humilhação e sofrimento, são trazidos em seus textos das mais diversas formas, cuja ironia se sustenta por um discurso oportunista e politicamente incorreto, propondo-se em favor de tais práticas, contudo, fomentando-as para conscientização de uma sociedade cada vez mais cruel. O

prazer através da dor, defendido por Mattoso, nada mais é que a forma mais escancarada de incomodar o leitor quanto às questões do não-dito, que representam um desumanismo sórdido, velado, ignorado, daqueles que agem em prol do próprio prazer, destituindo as vontades e o prazer do outro. Acima de tudo, Mattoso é um denunciador, que não tem medo das palavras nem do peso que elas trazem consigo.

Mas por que nos são tão caras essas questões que ultrapassam os limites do texto escrito e vão ao encontro da figura do autor? Seria uma armadilha na qual o leitor cai e se deixa levar pelas questões biográficas do sujeito que escreve? Mas o que esse sujeito escreve que reporta instantaneamente à sua figura, ao seu eu, às suas escolhas particulares? As respostas estão nos próprios textos do autor. O que Mattoso escreve gira em torno desse “eu” externo à obra. Que “eu” é esse? É Glauco Mattoso, mas não é Pedro José. É o cego que idolatra a cegueira, colocando-a em primeiro plano. E essa idolatria não está na defesa, mas na aceitação. Uma aceitação negativa, arbitrária, dolorosa e sem nenhum eufemismo.

Dessa feita, o nome Glauco Mattoso é uma construção literária para dar conta da sua própria literatura, que é transgressora por natureza, logo, opõe-se à ideia de harmonia na arte, de Belo, de clássico, de romântico, de pureza, pois não é permissiva nem eufêmica.

Tais percepções surgiram desse emaranhando de escrituras do autor, cujas palavras são intencionalmente colocadas em favor do sujeito que escreve, como aquele que assume com prazer todos os aspectos da transgressão, negados em todos os contextos, inclusive pela própria literatura.

No espaço da escritura, Mattoso se coloca como cobaia. Ele se entrega em seus próprios textos a fim de desestruturar discursos sólidos, detidos por sistemas maiores, cujas discussões se mantêm ou negadas ou controladas, como no caso do sexo e da sexualidade, do fetichismo e da tortura. Colocar-se a si mesmo como ser que confessa taras e ações transgressoras acerca do que fere princípios de moral e ética é manifestar-se concretamente contra todos esses discursos, pois assume para

si mesmo a responsabilidade. Mas só a assume porque está no espaço da criação, no espaço da arte e da ficção.

Para se pensar essa problemática, é preciso transitar por algumas teorias estéticas, filosóficas e literárias, que, aqui, são guiadas pela metodologia da epistemologia do romance, em que o objeto estudado é minuciosamente “garimpado”, numa permissão de possibilidades de verdades dentro da obra.

Quanto à estética, o transcurso de pesquisa nasce das discussões acerca do pensamento estético a partir do idealismo alemão, especificamente com Immanuel Kant (2010) e F. Hegel (2001). Kant se faz necessário, principalmente para se pensar questões acerca da fruição, do efeito estético e do gosto, o que permite o contato com o sublime pela relação entre sujeito e obra de arte. Mas estão em Hegel nossas principais justificativas acerca das escolhas estéticas como provenientes de uma Ideia, nascida e conscientizada pela relação dialética entre a sensação e a razão do sujeito que cria. Ou seja, Hegel, neste trabalho, não sustenta uma análise acerca do objeto numa categoria de beleza, mas em como esse objeto foi pensado, organizado e esteticamente construído. Essa escolha faz parte do fazer artístico enquanto ação de uma Ideia, cuja relação entre *Gestalt* e Forma, seguindo conceitos hegelianos, corroboram para a efetivação da obra de arte enquanto realizada pela manifestação sensível do sujeito que cria: isso justifica a autoficção como uma escolha estética.

Partindo do conceito cunhado por Serge Doubrovsky, em seu livro *Fils*, o termo autoficção ganha espaço de discussão na teoria literária a partir da década de 1970. O romance *Fils*, obra romanesca em que o próprio Doubrovsky é trazido como narrador e personagem, mantém a homonímia, entretanto, rompe o pacto de Lejeune, acerca da escrita autobiográfica, já que, logo no início, Doubrovsky assume escrever um texto ‘autoficcional’. Essa discussão promove o questionamento acerca do nome do autor e como a presença do nome daquele que escreve legitima certos discursos literários como “verdadeiros”.

Para ampliar os horizontes acerca do conceito de autoficção, que, atualmente, ganha força nos estudos literários brasileiros, trago aqui Vincent

Colonna (2004) como possibilidade de se pensar o *Manual do podólotra amador* como uma autoficção biográfica, em que o sujeito, pelo processo de mitomania literária, ficcionaliza a si mesmo.

O *Manual do polólotra amador* é, talvez, a obra de Mattoso de mais difícil leitura, principalmente por seu caráter despretensioso de escrita, embora carregue o peso das questões abjetas ali contidas. Como texto que promove a figura do autor como protagonista e narrador, fomenta a ideia de uma autobiografia, cuja escrita gira em torno da confissão das taras do sujeito que escreve.

Obviamente, essa é a principal característica a dar legitimidade para que o nome Glauco Mattoso seja credibilizado como um pseudônimo, convencendo o leitor de que, por ter uma autobiografia escrita, a figura do escritor é real e crível.

Dentro desses pressupostos, circula a heteronímia para dar conta da construção literária do sujeito que confessa. Ora, a confissão não é um dado fácil para qualquer indivíduo, ainda mais quando se propõe depoente daquilo que se trata do privado, das particularidades acerca do desejo, do sexo e da sexualidade. A escolha de um nome que assume e promove à excelência um cruel e irreversível acontecimento, como da cegueira definitiva e abuso sexual na infância, contraria o vitimismo humano enquanto sujeito que sofre e luta para dar conta de seu sofrimento, de maneira positiva e utópica. Mattoso opõe-se a tudo isso. Assume-se a própria doença. Chama-se de Glauco Mattoso e ri de si mesmo enquanto sujeito que é humilhado e excluído. Tudo isso compõe essa, que seria a principal narrativa do autor: um texto de nome “manual”, que, de didático, só tem o nome.

Mas não é só nele que há a presença da exploração de nomes e personas literárias transgressoras. Outros são criados e trazidos para o espaço concreto da criação, fora da literatura, principalmente pelos textos escritos no *Jornal Dobrabil*, cujos colaboradores, muitos deles, inexistentes na realidade.

O trabalho estético na escrita de Mattoso é promovido pela figura de si, do sujeito mor da transgressão, inabalável por qualquer condição humana, que se utiliza da literatura como possibilidade. Ações como as conduzidas pelo escritor Mattoso são propriamente parte do processo de criação artística, em que a ficção, a

verossimilhança, a irrealidade e a desconstrução somam-se como pilares fecundos na realização do fazer artístico enquanto movimento sensível do indivíduo.

A linguagem literária talvez assuma o papel de maior dificuldade nessa contrariedade às realidades da condição humana, pois necessita-se das articulações da escrita para se manter no terreno da criação, opondo-se à seriedade dos questionamentos humanos.

A figura de um eu que assume esses discursos é puramente fruto do movimento da estética. Disciplina moderna da filosofia, a estética ainda é mal compreendida, quando se pensa no processo de criação ampliador da poética aristotélica. E a estética, como um círculo maior de trânsitos entre escolhas e sensibilidades, é que concretiza por linguagens tudo aquilo que a arte quer abarcar.

Não há como se pensar num escritor de tamanhas articulações na escrita sem observar seu processo de criação enquanto escolhas estéticas que promovem efeitos que seduzem, que falseiam e que confundem.

O escritor, quando dá conta de sua estética, quando a pensa e se conscientiza de seu processo, ultrapassa os limites da criação literária, pois promove um trânsito entre a obra e o sujeito que cria a obra. Suas escolhas são racionais e dotadas de um conhecimento reconhecido por ele mesmo, em que os discursos conduzidos nos textos ficcionais reconfiguram discussões reais, mas sustentadas pela beleza das manipulações do efeito das múltiplas significações das palavras.

Enquanto leitores, somos presas fáceis das escrituras, das teias tecidas por Mattoso. Enquanto pesquisadores, somos conduzidos a pensar: o que está por traz desse sujeito que escreve?

Encerro o texto com um soneto de Mattoso, para faltar a confusão de se compreender seu processo de criação:

Soneto Apriorístico

Não canto aqui, Leitor, luzentes teses

que sábios e acadêmicos sustentem.
Só mostro onde, na História, os livros mentem
e omitem, das paróquias às dioceses.

Consulto do Hermeneuta as exegeses
e afirmo: o asco maior que os Homens sentem
é o caso em que dum réu no rosto sentem
e caguem-lhe os carrascos justas fezes.

É deste torpe tema que aqui trato,
embora desagrade a réus e algozes,
ferindo, uns no regalo, uns no recato.

Não sei se irei fazer, Leitor, que gozes.
Porém, dada a crueza dum tal fato,
sugiro-te a leitura em poucas doses.

Referências

- CAIXETA, Ana Paula A.. *A “estética do pé sujo”: Estudo da obra Manual do podólatra amador, de Glauco Mattoso*. Brasília: Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, 2013.
- COLONNA, Vincent. *Autofiction & autres mythomanies littéraires*. Midi-Pyrénées: Éditions Tristram, 2004.
- DOUBROVSKY, Serge. *Fils*. Paris: Folio/Éditions Galilée, 1977.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de Estética I*. (Trad. de Marco Aurélio Werle – 2ª ed) São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade de juízo*. (Trad. Valério Rohden e António Marques) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Org. Jovita M.G. Noronha. (Trad. Jovita M.G. Noronha e Maria Inês C. Guedes) Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MATTOSO, Glauco. *Manual do podólatra amador: aventuras & leituras de um tarado por pés*. São Paulo: All Books, 2006.
- _____. *Manual do pedólatra amador*. São Paulo: Editora Expressão, 1986.
- _____. *Jornal Dobrabil*. 2ª Ed. (fac-similar) São Paulo: Iluminuras, 2001.
- _____. “Soneto apriorístico”. Disponível em:
<http://www.elsonfroes.com.br/sonetario/mattoso.htm> > (2015).
- _____. *Pegadas noturnas*. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.
- RICHTER, Hans. *Dada: arte e antiarte*. Tradução Marion Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. 10ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.